

RODRIGO MARTINS ROSA

**INICIAÇÃO AO VOLEIBOL: BASTA GOSTAR PARA
JOGAR**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA -**

CAMPINAS - 1995



RODRIGO MARTINS ROSA

**INICIAÇÃO AO VOLEIBOL: BASTA GOSTAR PARA
JOGAR**

Monografia apresentada como
parte integrante da avaliação final
para a obtenção do título de
Licenciado em Educação Física, sob
a orientação do Prof. Mestre
Antônio de Pádua Báfero.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA -**

CAMPINAS -1995

DEDICATÓRIA

"A Deus, por estar sempre ao meu lado..."

"A minha família, e em especial a minha mãe Batistina, por tudo o que faz por mim..."

AGRADECIMENTOS

Em especial ao meu orientador, Prof. Mestre Antônio de Pádua Báfero, pela atenção e dedicação com que me orientou, permitindo a realização desta monografia, sempre compreendendo e respeitando as minhas dificuldades.

Ao amigo Neto, que juntos registramos muitas horas de estudos, ansiedades, mas também muitos momentos de felicidade.

Aos amigos de turma, professores e funcionárias da Faculdade de Educação Física, que com certeza terei saudades.

RESUMO

O presente trabalho constitui-se basicamente de uma reflexão de como o jogo de Voleibol pode ser introduzido informalmente para crianças de dez a doze anos de idade, freqüentadoras de escolas ou clubes.

De caráter recreacional, este trabalho não estará voltado para o rendimento; ao contrário disto preocupar-se-á com o “gosto de jogar e aprender a jogar”, propiciando, estão, até mesmo aos menos habilidosos (em capacidade física e habilidades motoras) uma oportunidade saudável para iniciação da prática do voleibol.

Tendo como objetivo dar um maior significado ao ensino e, conseqüentemente, à prática do jogo, a monografia refletirá sobre questões que norteiam a aprendizagem do voleibol, com posterior sugestões didáticas e pedagógicas. Isso não significa que iremos sugerir idéias acabadas e rígidas como uma “receita pronta”, com metas a serem alcançadas pelos praticantes; tentaremos abordar algumas idéias que poderão estar sendo discutidas pelos professores de Educação Física das mais diversas escolas, pelos professores técnicos de clubes esportivos e pelos alunos de qualquer curso de graduação em Educação Física.

Essa reflexão será subsidiada essencialmente através de um levantamento bibliográfico junto a biblioteca da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Também analisaremos o artigo “Voleibol, Um Jogo Original” de autoria do Prof. Mestre Antônio de Pádua Báfero (1993) e procuraremos obter a ajuda de todos os professores da Faculdade que estão envolvidos com o Voleibol.

SUMÁRIO

Introdução	06
Objetivos	08
Justificativa	08
Procedimento Metodológico	09

Capítulo I

Breve Histórico do Voleibol	11
1.1) Suas Origens e Desenvolvimento	11
1.2) O Voleibol no Brasil	14

Capítulo II

Iniciação ao Voleibol	16
2.1) Jogo/Esporte	16
2.2) Pré-Requisitos para Trabalhar com Iniciação	20
2.3) A Prática do Voleibol	21

Capítulo III

Despertando o Gosto pelo Jogo e sua Aprendizagem	23
3.1) Deixar Jogar para Ver o que Acontece	23
3.2) Intervir para Ver o que Acontece	24
3.3) Jogar para Não Deixar a Bola Cair no Chão	25

Capítulo IV

O Jogo de Voleibol como Conteúdo Escolar das Aulas de Educação Física: Considerações de Professores da Faculdade de Educação Física da UNICAMP...	27
4.1) Antônio de Pádua Báfero	27
4.2) Roberto Rodrigues Paes	28
4.3) Marcelo Belem Silveira Lopes	29
4.4) João Batista Freire da Silva	29
4.5) Wagner Wey Moreira	30

Conclusão	34
------------------------	----

Bibliografia	36
---------------------------	----

Anexos	
---------------	--

INTRODUÇÃO

O Voleibol nasceu recreativo, conforme o artigo *"Voleibol, Um Jogo Original"* (Báfero, 1993), que descreve:

"(...) o jogo é jogado informalmente e com qualquer número de jogadores que, tem como função golpear a bola com as mãos, de um lado para o outro, sobre a rede (...) Não é permitido deixar a bola tocar o solo (...)"

(Cameron, 1896 apud Báfero, 1993)

Assim, foi criado o jogo do Voleibol, pelo Professor Willian George Morgan em 1895, no Ginásio da Associação Cristã de Moços de Hollyok, Massachussets, com a finalidade recreativa e, na medida em que era praticado, surgiam novos desafios e novas intenções no pensamento dos jogadores, como por exemplo: além de não deixar a bola cair no chão e ter a necessidade de enviá-la para o outro lado da rede, agora era preciso tentar derrubar a bola no campo contrário. Era preciso pensar o jogo.

Muitos anos se passaram e a prática constante do Voleibol vem transformando-se num dos esportes de maior destaque, tanto no Brasil como em outros países. Para tanto, é grande e variado o número de estudos e pesquisas a respeito do Voleibol. Porém, esses estudos preocupam-se em abordar aspectos que tratam dos fundamentos específicos do jogo (toque,

manchete, saque, ataque, bloqueio, defesa, finta, códigos, etc.). Conseqüentemente, manuais de treinamento de Voleibol são utilizados pelos professores, técnicos e jogadores como se fossem uma *“cartilha básica”*. A mídia também é um outro poderoso meio de comunicação que vem enfatizando cada vez mais o alto rendimento, pois até mesmo vídeos que mostram “como aprender a jogar Voleibol” são produzidos e vendidos como métodos práticos e eficazes para a aprendizagem do Voleibol.

Estas reflexões não querem dizer que este trabalho seja contra esses aspectos importantes do Voleibol. A nossa preocupação está na necessidade de apresentar algumas idéias para a iniciação do Voleibol, isto é, despertar o *“gosto pelo jogo”* e a sua aprendizagem, pois sabe-se que no Brasil as “escolinhas” de iniciação e até mesmo nas Escolas de Ensino Primário e Secundário, na sua maior parte, tem por objetivo maior “iniciar” para competir. Desta forma, também propomos que o Voleibol, por ser uma manifestação do Esporte, e o Esporte um conteúdo da Educação Física, merece atenção mais qualificada nas aulas que ocorrem no espaço da Escola.

Portanto, o Voleibol neste trabalho estará sendo dirigido para a iniciação, onde a preocupação encontra-se em despertar o gosto pelo jogo e no ensino “informal” das suas peculiaridades.

OBJETIVO

* Levantamento bibliográfico junto a Faculdade de Educação Física da UNICAMP, visando mapear o material específico que trata sobre o tema;

* Sugerir idéias que despertem o gosto pelo jogo de voleibol e o seu aprendizado para uma iniciação informal nas *escolas*, clubes ou centros esportivos.

JUSTIFICATIVA

Com a evolução do Voleibol e sua posterior eletização, esse jogo passou de sua forma original para a forma sistematizada, metódica, enfatizando cada vez mais a performance ideal.

Estudos e pesquisas são feitos sobre voleibol; todavia são estudos que se preocupam com os fundamentos básicos e específicos. Em contraposição, os meios didáticos, como por exemplo o “lúdico”, são esquecidos, pois como dito anteriormente, tanto nas escolinhas como nos grupos de iniciação e Escolas de Primeiro e Segundo Graus o voleibol é iniciado para competir e não para sentir prazer pelo jogo.

Este fato torna-se mais agravante ainda quando procura-se descrever sobre uma iniciação informal do voleibol, pois após ser feito um

levantamento bibliográfico junto a Biblioteca da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, verificamos que não há nenhuma referência bibliográfica dentro do contexto; o que existe são livros que reforçam os fundamentos específicos do voleibol e nada mais.

Portanto, a justificativa de pesquisa está no interesse de elaborar um trabalho visando o desenvolvimento e a iniciação do voleibol de uma maneira informal, criando uma reflexão que tente despertar o gosto pelo jogo e o seu aprendizado, sem a função de torná-lo em um jogo propedêutico.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho consistirá de uma *pesquisa bibliográfica* que será realizada junto a Biblioteca da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. A análise do artigo "*Voleibol, Um Jogo Original*", do Professor Doutor Antônio de Pádua Báfero (1993) e o ponto de vista de alguns professores da Faculdade que estejam envolvidos com o voleibol também serão algumas das estratégias visando a realização desta monografia.

Para a operacionalização da pesquisa bibliográfica serão utilizadas as seguintes técnicas:

* Levantamento bibliográfico inicial acerca dos temas fundamentais do trabalho;

* Seleção de obras levantadas através da análise textual;

* Interpretação das obras selecionadas e formulação de “hipóteses de trabalho”.

Capítulo I

Breve História do Voleibol

1.1) Suas Origens e Desenvolvimento

Idealizado no final do século passado pelo norte americano Willian George Morgan, o voleibol teve uma rápida e bem sucedida evolução entre os esportes mais populares, talvez devido à simplicidade de sua intenção maior: não deixar a bola cair.

Ao final do século passado, as atividades esportivas principais nos Estados Unidos eram o futebol americano e o beisebol, jogados nos meses quentes. Durante o inverno, devido ao frio e a neve, não se conhecia nenhum esporte coletivo que se pudesse jogar em locais fechados, até que em 1891 James Naismith, da International Y.M.C.A. Training School, de Springfield, Massachusetts, inventou o basquetebol. O novo esporte mostrava-se muito indicado para as pessoas jovens, pela intensidade e entusiasmo que promovia; contudo alienava de sua prática as pessoas de mais idades e, portanto, com menor vigor físico.

Em 1895, Willian G. Morgan, ex-aluno de Springfield (onde ingressou a convite do próprio Naismith), e então diretor do Departamento de Atividades Físicas da Y.M.C.A. de Holyoke, Massachusetts, ministrava aulas a um grupo de senhores (com idades que variavam de 40 a 50 anos), que pelo seu grande número de integrantes, necessitava de alguma forma de recreação e descontração que pudesse ser desenvolvida em ambientes fechados (devido ao

inverno). A prática, ainda, deveria possuir um grande teor motivacional, que respeitasse os limites individuais de seus participantes (esse último item eliminava o basquetebol das alternativas de Morgan). Pensou em adaptar o tênis de campo, porém os implementos (raquetes e bolinhas) e o reduzido número de participantes que poderiam praticá-lo simultaneamente inviabilizaram esta atividade; mesmo assim, conservou-se dessa idéia a rede, que separa os grupos evitando os contatos pessoais, mas posta em posição mais alta (a borda superior a 1,98 m de altura), pouco acima da cabeça de um homem alto. Qualquer número de jogadores era permitido no jogo, podendo rebater a bola com as mãos. Primeiramente, tentou-se usar a bola de basquetebol; porém, pelo seu peso e rigidez, mostrou-se imprópria pela agressão que representava para as mãos e pulsos dos jogadores. Como alternativa, retirou-se a cobertura de couro, utilizando-se apenas a câmara de ar.

Assim, iniciou-se a prática de um jogo que fora batizado com o nome de "*minonette*" (não se conhece nem o significado, nem a origem desta palavra), logo mudado em ocasião da primeira exibição do jogo numa convenção da International Y.M.C.A., em Springfield, por sugestão do Dr. A. T. Halstedt, professor daquela escola, para **Voleibol**, uma vez que o princípio básico do jogo era o de não permitir que a bola caísse, por meio de voleios. Jogava-se informalmente e com qualquer número de participantes que, golpeando a bola com as mãos, faziam-na passar de um lado para o outro por cima da rede, evitando que tocasse em seu próprio campo. Pouco a pouco, à medida que se ia jogando, foi-se esboçando uma normatização, tendo o seu primeiro regulamento impresso em 1896, na revista *Physical Education*, em

artigo de J. Y. Cameron, diretor da Y.M.C.A., de Búfallo, New York, sob o título de “O Esporte Original do Voleibol”, onde também figurava uma descrição do jogo.

Com a prática do jogo, houve a necessidade de sua regulamentação. Como característica de qualquer jogo, a adaptação das normas foi feita a partir das propostas surgidas pelos indivíduos envolvidos com a atividade. Rotineiramente, as regras foram sendo adaptadas segundo as necessidades que a prática exigia, de forma até mesmo institucionalizada. Tais mudanças tornaram as regras do jogo muito rígidas, e cada vez mais afastou-se a sua identidade informal exatamente pelo fato de terem criado dificuldade para se jogar, que vieram tirar do jogo o prazer que originalmente proporcionava aos seus praticantes.

Nasce a dialética entre técnica de jogo e a normatização. Dialética essa que se tornaria tensa com o passar do tempo. O jogador passou a jogar muito mais preocupado em não infringir a regra, do que em tirar dela proveitos a seu favor ou, dominar o jogo em si a partir das normas; ao invés disso, selecionou-se naturalmente, ou não, ações e movimentos que asseguravam a isenção das punições e apresentavam rendimento altamente apreciável. Estava criado o jogador “adestrado”, um exímio executor de movimentos esteriotipados, com um “punhado” de soluções pré-estabelecidas para as infinitas possibilidades do jogo, encontrando como motivação somente o alívio de “não fazer errado”, em detrimento de se fazer o ótimo para cada situação, ação esta que leva prazer ao indivíduo.

1.2) O Voleibol no Brasil

O voleibol foi introduzido no Brasil por volta dos anos de 1916-1917, pela Associação Cristã de Moços de São Paulo, do mesmo modo que aconteceu na quase totalidade dos países que o praticam, isto é, pelas suas respectivas A.C.M.

Trazido para o nosso país somente depois de vinte e dois anos de sua criação, o voleibol ainda não foi tão difundido no seu início. A sua prática quase restringia a atividades internas de algumas poucas entidades. Nesse particular, coube ao Fluminense Futebol Clube, com a realização de um torneio dos clube filiados a então Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, dar um impulso considerável para a difusão do voleibol.

No Rio de Janeiro, posteriormente, com a fundação da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, no ano de 1924, iniciou a promoção de torneios desse desporto. Com períodos de maior ou menor aceitação, o voleibol foi conduzido até o ano de 1938, quando foi fundada a Liga de Voleibol do Rio de Janeiro, que recebeu mais tarde a denominação de Federação Carioca de Voleibol. No ano seguinte, 1939, foi realizado o primeiro campeonato oficial da cidade.

Em São Paulo, apesar de ter sido o primeiro estado a praticar o voleibol, a Federação somente foi fundada em 1942, o mesmo acontecendo em outros estados, isto é, no início da década de 1940. No ano de 1944, realizou-se o primeiro campeonato com diversos estados, sagrando-se campeã a equipe

de Minas Gerais e vice-campeã a equipe de São Paulo. A nível internacional, a primeira experiência do Brasil foi proporcionada pela Confederação Brasileira de Desportos, que patrocinou o primeiro campeonato sul-americano, 1951, terminando com a vitória da equipe masculina do Brasil. Com a fundação da Confederação Brasileira de Voleibol, em nove de agosto de 1954, os campeonatos brasileiros passaram a ser promovidos pela entidade especializada a partir de 1956 e continua sendo realizados até hoje.

Capítulo II

Iniciação ao Voleibol

2.1) Jogo/Esporte

Uma tarefa na qual os profissionais da área da Educação Física tem se dedicado nestes últimos anos é a reflexão sobre o que é jogo e esporte. Como o assunto da monografia é dirigido para a iniciação ao jogo de voleibol, cabe no momento esclarecer que o esporte e o jogo possuem conotações diferentes e, portanto, não devem ser entendidos como sinônimos, principalmente quando se trata de iniciação.

Para tais esclarecimentos, temos os seguintes conceitos:

Esporte:

"Ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que desenvolve com uma base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos designar o vencedor ou registrar o recorde. Seu resultado é determinado pela habilidade de estratégia dos participantes, e é para estes gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente"

(Brohm, Lüschen, 1972)

Esporte (do inglês *Sport*), tendo como sinônimo “Desporto”, designa:

“O conjunto dos exercícios físicos praticados com método, individualmente ou em equipes”

(Ferreira, A.B.H., 1986)

Convém observar a definição que Ferreira dá a Método (do grego *Methodos*):

“Caminho para chegar a um fim. Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado”

Jogo:

“Uma atividade livre, conscientemente tomada como não séria e exterior à vida habitual, mas do mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais”

(Huizinga, J., 1980)

Jogo (do latim Jocu, “gracejo ou zombaria” que tardiamente tomou o lugar de Ludus) tem por significado:

“Atividade física ou mental organizada por um sistema de regras, que definem a perda ou o ganho; brinquedo; passatempo; divertimento”

(Ferreira, A.B.H., 1986)

Convém observar, também, a definição que Ferreira (1986) dá a palavra *lúdico* (do latim Ludus, jogos, divertimento):

“Adjetivo referente a, ou que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos”

Desses conceitos, de modo geral, quando comparados, torna-se possível verificar:

JOGO	ESPORTE
- livre escolha;	- resultados;
- sem interesse material	- produtivo (rendimento);
- prazer intrínseco	- gosto pelo esforço;
- regras: ficção;	- regras: realidade;
- atividade espontânea;	- atitude refletida;
- baixa tensão;	- alta tensão;
- vive no tempo;	- organizado no tempo;
- isoladamente;	- integração com o meio real;
- espaço: arbitrário;	- espaço: rígido e preciso

Como se observa, não é fácil, em um primeiro momento, entender o que é esporte e o que é jogo. Entretanto, destes conceitos podemos obter duas conclusões que possibilitam diferenciar os termos Esporte e Jogo. Para efeito de compreensão, respectivamente:

** O esporte é uma ação social institucionalizada que necessita de um método para caracterizá-lo como tal, o que implica na obrigatoriedade da existência de um objetivo a ser alcançado. O jogo é uma atividade “livre” que necessita da presença do divertimento (brinquedo), que indica sua essência lúdica peculiar, pelo prazer que proporciona a quem joga.*

Após essas elucidações conceituais, o bom senso dos professores e técnicos é de fundamental importância para a iniciação esportiva de qualquer modalidade. O jogo, pela suas características e conotações, deve ser priorizado e refletido continuamente nas suas mais variadas formas pedagógicas para atender as reais necessidades dos iniciantes pois, de antemão, já sabemos que tanto nas escolinhas de iniciação, nos clubes e nas escolas de primeiro e segundo graus, os treinamentos utilizados nas equipes de alto nível tem sido a forma mais adotada para o ensino-aprendizagem ao jogo de voleibol. A tendência é, na maioria das vezes, imitar ou tentar imitar os treinos das “grandes equipes”.

2.2) Pré- Requisitos para Trabalhar com a Iniciação ao Voleibol

Quando a criança se inicia no jogo de voleibol, ela já é uma “jogadora capaz de jogar”. Como ninguém começa do nada, a criança traz experiências já vivenciadas; os amigos, o clube, a escola e a televisão são os meios mais eficientes que influenciam e ensinam os movimentos especiais do jogo de voleibol. Ensinar movimentos especiais é, acima de tudo, uma questão de sensibilidade e bom senso. É uma realidade, mas é só jogando que se aprende.

Todavia, para se trabalhar com crianças, como diz Gallahue (1989), é preciso gostar de crianças e entender de crianças.

Compreender a criança significa ter conhecimento do sistema orgânico-funcional de cada faixa etária, as suas características essenciais, psicológicas e de comportamento, pois diferem de idade para idade, apresentado sinais evolutivos nos processos de crescimento, desenvolvimento e maturação (Malina e Bouchard, 1991). Com isso, haverá uma maior potencialidade para vivenciar as complexidades crescentes das tarefas motoras, devendo o professor estar preparado para lidar com todos esses estágios biológicos e comportamentais diferenciativos de cada faixa etária.

Quanto ao desenvolvimento motor, vários estudos mostram que não apenas a maturação atua neste processo de desenvolvimento, mas também que há intervenção das experiências individuais ocorridas no meio no qual a criança está inserida: portanto, podemos dizer que nada ocorre de forma

isolada e sem vínculos relacionais, onde concluímos que o ser humano é uma *expressão biocultural* (Rocha Ferreira, 1995). A sequência de desenvolvimento é a mesma para todas as crianças, apenas a velocidade de progressão varia. A ordem em que as atividades são dominadas depende do fator maturacional, enquanto que o grau e a velocidade em que ocorre o domínio estão mais na dependência das experiências e diferenças individuais. Todo o conjunto de mudanças na sequência de desenvolvimento reflete alterações em direção a uma maior capacidade de controlar movimentos (Tani et al., 1988).

Decididamente, ter professores ou técnicos preparados com conhecimentos científicos, capazes e profissionais naquilo que fazem é muito importante e necessário, principalmente quando se pretende trabalhar com iniciação para o esporte.

É preciso compreender e aprender com as crianças. Para Hartley (1971): *“se nós aceitamos responsabilidades para servir as crianças, nós também aceitamos o imperativo de nos prepararmos para servi-las bem.”*

2.3) A Prática do Voleibol

Atualmente, técnicos de voleibol de alto rendimento opinam sobre formas pedagógicas para o ensino-aprendizagem, que infelizmente objetiva a formação de “futuros jogadores talentos”. Professores- técnicos de clubes e colégios fortalecem a idéia de que um grupo de iniciação deve ser sempre a

imagem de uma equipe em treinamento. Assim, cada vez mais aumenta o “mito” de alto rendimento, de preparar para competir, entre os profissionais que trabalham com a iniciação ao voleibol ou com jogos coletivos.

Elaborar um plano de trabalho que trate de iniciação desportiva com crianças requer uma definição correta e ampla que nos de conta suficiente de saber o que é esporte e o que é jogo. Essa elucidação de esporte e jogo, somada com o conhecimento do sistema orgânico-funcional de cada faixa etária, dos aspectos do domínio cognitivo, afetivo e psicomotor, direcionará o trabalho a ser desenvolvido com os iniciantes.

Sem dúvida, esses conhecimentos são de fundamental importância para aqueles que se propõem a trabalhar com iniciação desportiva, mas é através do ato de refletir e observar seus alunos jogando que professores e técnicos poderão auxiliar e estimular os iniciantes. A necessidade de observação, segundo Magill (1986) é o ponto central da ciência.

O que observar, para que observar e como intervir, são fatores diretamente ligados a idéia de que a criança é capaz de construir os seus próprios movimentos, desde que seja motivada e encontre um ambiente enriquecedor para isso. Neste trabalho, portanto, para a iniciação ao voleibol, a sugestão é começar do fim para o começo, isto é, jogar, gostar do jogo e aprender a jogar para se tirar proveito do jogo. Nesse momento primordial da iniciação, é preciso dar tempo para que as ações (intenções) do jogo aconteçam e sejam assimiladas pelos praticantes.

Capítulo III

Despertando o Gosto pelo Jogo e sua Aprendizagem.

3.1) Deixar Jogar para Ver o que Acontece

Uma das maneiras que se acredita neste trabalho para desenvolver a iniciação ao voleibol de maneira informal é deixar, em um primeiro momento, os praticantes jogarem de forma “descompromissada”, onde o objetivo principal encontra-se em fazer com que os iniciantes sintam prazer pelo jogo. É um período de exploração, de descoberta e de combinações de movimentos. A criança não tem controle desses movimentos (descritos na página seguinte), mas habitua-se com a tarefa de jogar e acaba formando uma estrutura “grosseira” e “generalizada” dos padrões dos movimentos específicos do jogo.

Nesse momento, os iniciantes, além de poderem estar sentindo prazer pelo gosto do jogo, estarão adquirindo experiências de movimentos e habilidades motoras básicas do jogo de voleibol. Todavia, para que o objetivo principal do aluno seja alcançado (sentir prazer pelo jogo), professores e técnicos deverão estar preparados para intervir e elaborar sugestões motoras para motivar e despertar o “gosto pelo jogo”.

3.2) Intervir para Ver o que Acontece

A aprendizagem segue um trajeto imposto pela própria necessidade interna da criança. É inexorável. A forma de intervir do professor é uma decisão solitária e subjetiva, que depende única e exclusivamente de todo o seu conhecimento e de suas particulares observações. O conhecimento e a percepção sustentam essa idéia.

A fase de intervir para ver o que acontece é um momento em que o professor vai propor situações de problemas que exijam soluções intelectuais e motoras. Propostas motoras, não somente para o voleibol, ma também para outros jogos coletivos que envolvam soluções de ordem intelectual e motora, segundo Paes (1995), seriam: controle de corpo; controle de bola; controle de corpo e controle de bola.

1) Controle de corpo sem bola (jogos, brincadeiras e exercícios) para estimular e desenvolver algumas habilidades motoras, tais como:

- saída rápida;
- parada brusca;
- mudança de direção;
- finta;
- giros;
- saltos;
- corridas com diferentes velocidades.

2) Controle de bola (tem como objetivo criar “intimidade” com a bola):

- Nesse momento, a proposta mais viável é deixar que os movimentos sejam livres (espontâneos) e vinculados com bolas de diferentes tamanhos, para que os iniciantes manipulem as bolas. Todas as maneiras de lançar e receber uma bola é bem aceita,

3) Controle de corpo e controle de bola:

- Combinação de controle de corpo e controle de bola, com o objetivo de aprimorar e especificar algumas formas de jogar para as diversas situações ocorridas durante um jogo. Este momento é extremamente relevante para o aprendizado do voleibol; professores e técnicos deverão apresentar propostas que conduzam os alunos a “unir naturalmente” o intelecto e o movimento para jogar.

3.3) Jogar para Não Deixar a Bola Cair no Chão

O objetivo principal, nesta fase, deverá estar voltado para a transmissão da idéia e das regras do jogo. É hora do iniciante “pensar o jogo”.

A participação da criança no jogo informal faz surgir movimentos básicos e específicos do jogo de voleibol, que posteriormente auxiliará os

praticantes a utilizarem desses mesmos movimentos de modo mais complexo para poder jogar e tirar proveito do jogo.

Para tal propósito, é viável que professores e técnicos, além de proporem atividades adequadas, estejam refletindo sobre a intenção do jogo e os sentidos de seus fundamentos.

Segundo Coletivo de Autores (1992), pode-se dizer que “(..) o propósito do voleibol é evitar que a bola caia no próprio campo de jogo, fazendo-a cair no campo do adversário por cima de uma rede.”

Significado dos seus fundamentos:

- **Saque:** a forma de iniciar a jogada ou “rally”;
- **Recepção:** a ação de receber o saque do adversário;
- **Levantamento:** preparação para o ataque;
- **Ataque:** passar a bola para o campo contrário dificultando a defesa;
- **Bloqueio:** interceptação do ataque do adversário;
- **Defesa:** evitar que a bola caia no próprio campo.

Após esse momento, cumpre ressaltar que *jogar para não deixar a bola cair no chão*, quando se trata de iniciação, deve ser considerado como uma tarefa simples e “coisa de criança”, que com o passar do tempo, torna-se complexa, mas continua na sua essência, sendo “coisa de criança”...

Capítulo IV

O Jogo de Voleibol Como Conteúdo Escolar das Aulas de Educação Física: Considerações de Professores da Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Este capítulo tem por finalidade abordar opiniões de professores da FEF-UNICAMP, sobre possíveis sugestões para iniciação ao voleibol nas escolas de primeiro grau, a partir da quinta série.

Para saber as opiniões desses professores, elaboramos a seguinte questão:

Qual a sua opinião sobre a iniciação ao voleibol nas escolas de primeiro grau, a partir da quinta série (proposta)?

4.1) Antônio de Pádua Báfero:

“Penso que o jogo de voleibol deve ser uma proposta pedagógica, diferenciada daquela que se vê na maioria das escolas atualmente (preparar para competir ou selecionar futuros atletas). O jogo deve ser informal, isto é, sem regras rígidas e com bolas grandes de plástico para não machucar as crianças. Isso deve permitir a criança ser possível

participar. Entendo que o jogo de voleibol é entre os esportes uma atividade muito complexa, pois depende exclusivamente da consciência espaço-temporal de quem o pratica”.

4.2) Roberto Rodrigues Paes:

“Ao iniciarmos atividades que fazem parte do conteúdo da Educação Física, como por exemplo os jogos coletivos, devemos estar alerta para não conduzir as ações de nossos alunos em detrimento de um único jogo e seus fundamentos específicos, nesse caso em particular o voleibol. Acredito que, ao iniciar conteúdos que enfocam o tema jogo, este deverá ser o mais abrangente possível, isto é, ser trabalhado de forma que envolva brincadeiras, exercícios e jogos que estimulem a vivência e o desenvolvimento de habilidades necessárias para qualquer jogo coletivo. Isto, creio eu, permitirá que a criança adquira ou aprimore habilidades motoras para posteriormente utiliza-las em qualquer modalidade esportiva”.

4.3) Marcelo Belem Silveira Lopes:

“Pequenos jogos com movimento de bola por cima da rede.

- Deslocamento em direção a bola (movimentos rápidos para frente, costa e lado);*
- Saque por baixo: tipo tênis (colocado);*
- Manchete: recepção e passe;*
- Passe-toque: levantamento-passe-salto- salto com corrida;*
- Recepção-saque: manchete e toque;*
- Cortada: com corrida e salto, bola colocada;*
- Recursos: queda, rolamento;*
- Uso das táticas do fundamento; uso das táticas das jogadas básicas;*
- Trabalhar: velocidade, tempo de reação, agilidade, flexibilidade, força”.*

4.4) João Batista Freire da Silva:

“O voleibol deve ser ensinado nas escolas na medida em que é um patrimônio cultural tão rico quanto os produzidos na área da Química ou da Biologia, por exemplo. Na escola, no entanto, deve

ser tratado como conteúdo escolar, o que é bem diferente de considerá-lo como atividade treinável para alta performance. Como conteúdo escolar ele deve ser ensinado de acordo com uma metodologia que garanta ao aluno uma prática de boa qualidade, uma informação sobre os vários aspectos desse esporte e um benefício geral em termos de conhecimento generalizável a outras esferas de conhecimento”.

4.5) Wagner Wey Moreira:

“Qualquer esporte, inclusive o voleibol, ao ser ministrado para crianças na segunda infância, deve ser vivenciado através da prática do jogo e não através da iniciação esportiva “strictu-senso”. Por que o jogo e não a iniciação? O jogo é unitário, totalizante, enquanto que o esporte é fracionário, onde se aprende parte por parte. O jogo trabalha o corpo possível, enquanto o esporte exige o corpo perfeito. Desde Marx, já se provou que a soma das partes não dá o todo. Além do mais, a construção de regras num jogo, desde que compartilhadas, favorece a participação e a modificação de estruturas de raciocínio. Já o esporte, esse que

conhecemos como hegemônico, contribui apenas para o aprimoramento da condição física. O fenômeno corporeidade através do jogo, onde a ênfase é o lúdico, se explicita. Já através do esporte, onde a ênfase é a mecânica do movimento, esse fenômeno dificilmente aflora”.

Alguns aspectos importantes e particulares de cada professor são relatados nestes discursos, mostrando-se de extrema importância para o ensino- aprendizagem do voleibol nas escolas, a partir da quinta série do primeiro grau, como por exemplo:

- a informalidade no ensino das peculiaridades do voleibol, sem regras rígidas, com bolas grandes de plástico para que as crianças possam participar (Pádua);

- propiciar aos alunos, nesta faixa etária escolar, vivenciar não somente um jogo específico e seus fundamentos, mas trabalhar o jogo num contexto lúdico e amplo, onde a criança adquira ou aprimore habilidades motoras (Paes);

- uma metodologia que ocorra de forma sistematizada e que dê conta de ser motivante para o praticante, com pequenos jogos, controle de corpo e ensino dos fundamentos (Lopes);

- uma metodologia que garanta ao aluno uma prática de boa qualidade, uma informação sobre os vários aspectos desse esporte e um benefício geral em termos de conhecimento generalizável a outras esferas de conhecimentos (Freire);

- uma prática que seja vivenciada através do jogo, que trabalhe o corpo possível e enfatize o lúdico (Moreira).

Desses aspectos particulares verificados pelos professores, percebe-se a necessidade de uma reformulação dos objetivos e da metodologia utilizada pela maioria dos professores que atuam nas escolas de primeiro e segundo graus, na tentativa de progredir com o ensino-aprendizagem do voleibol. Deve-se pensar uma metodologia para o voleibol, onde o conteúdo a ser desenvolvido implique no desenvolvimento da capacidade de organizar o próprio jogo e decidir suas regras, entendendo-as e aceitando-as como exigência do coletivo.

Para isso, o voleibol deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma mais adequada para a abordagem pedagógica, no sentido de jogo “da escola” e não como o esporte “na escola”.

Como uma de nossas funções enquanto professores é democratizar o ensino e não instrumentalizar as ações dos alunos, faz-se necessário em qualquer trabalho com crianças ajudá-las a sentirem-se felizes e terem prazer naquilo que elas fazem. É preciso que professores e educadores,

em geral, aprendam também a trabalhar com os objetivos dos nossos alunos e não somente com os seus objetivos pessoais, seus sonhos e ansiedades particulares.

Conclusão

Todas as atividades, principalmente os jogos coletivos em geral, quando trabalhados sob a ótica do esporte de alto rendimento ou para uma futura competição, são explorados de forma “massificante”, ou seja, os exercícios tornam-se cansativos, repetitivos, chegando muitas vezes a fazer com que os estímulos (interesses) para desempenhar certas atividades sejam prejudicados e, conseqüentemente, o interesse pelo seu aprendizado afetado.

O gesto informal para desempenhar qualquer atividade motora não pode ser confundido com um movimento pré-estabelecido que busca a exatidão e a perfeição mediante a um “adestramento”; o gesto é antes de tudo uma expressão individual e particular de cada indivíduo. Ele deixa de ser gesto em nossas vidas quando instrumentamos nossas ações.

Ora, porque então não se permitir ao iniciante que o jogo no qual ingressa seja-lhe ensinado dentro de uma atmosfera aprazível de satisfação e prazer, uma vez que sabemos que por fim a “alegria pelo gosto de jogar” não se contrapõe ao alto rendimento futuro? A formulação dos objetivos não pode apenas estar voltada para os aspectos pessoais de técnicos ou de professores que enfatizam o alto rendimento; ao contrário, deverá atender as reais necessidades de seus alunos, proporcionando-lhes, acima de tudo, prazer ao iniciante.

Portanto, através de uma iniciação informal para qualquer jogo coletivo, os exercícios e as atividades propostas devem ser o mais lúdico

possível, pois sempre trarão benefícios altamente compensadores, tanto para os iniciantes como para os professores ou técnicos, propiciando que todos participem ativamente de todas as propostas que serão oferecidas no espaço da aprendizagem. A medida que as habilidades são adquiridas, o grau de dificuldade das propostas apresentadas torna-se prontamente adaptável aos interesses e possibilidades do iniciante. Acrescentamos, então, um pequeno sucesso a outro, uma nova habilidade a outra, auxiliando o praticante a crescer em suas capacidades de maneira integral, o que fará surgir a confiança e o espírito de cooperação mútua entre os colegas.

A partir de tais evidências, pelo resgate da valorização da essência lúdica do jogo de voleibol e para evidenciar que esse jogo torna-se mais atrativo, convidativo e interessante quando gera prazer pelo gosto de jogar, conclui-se que:

- a iniciação informal ao jogo de voleibol sugere uma reflexão para uma nova forma pedagógica de iniciação;

- uma iniciação informal que resgata, antes de tudo o gosto pelo jogo, sugere também repensar uma nova pedagogia para o seu “treinamento”;

- estas reflexões sirvam, na medida do possível, para novas propostas na iniciação desportiva, tanto nas escolas de primeiro e segundo graus como no treinamento para o alto rendimento.

Bibliografia

- * ALBERTI, H., ROTHENBERG, L. Ensino de jogos esportivos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991
- * BÁFERO, A. P. Voleibol, um jogo original. Artigo, 1993.
- BROHM, J. M. Sociologia política del deporte. In: BERTHAUD, G., 1978.
- * COLETIVO DE AUTORES. Metodologia de ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ↓ FIORESE, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes. Revista Fundação Esportes e Turismo, 1989.
- ↓ HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LÜSCHEN, G. Sociology of sport and the cross-cultural analysis of sport and games. In: The cross-cultural analysis of sport and games. Champaign, 1970.

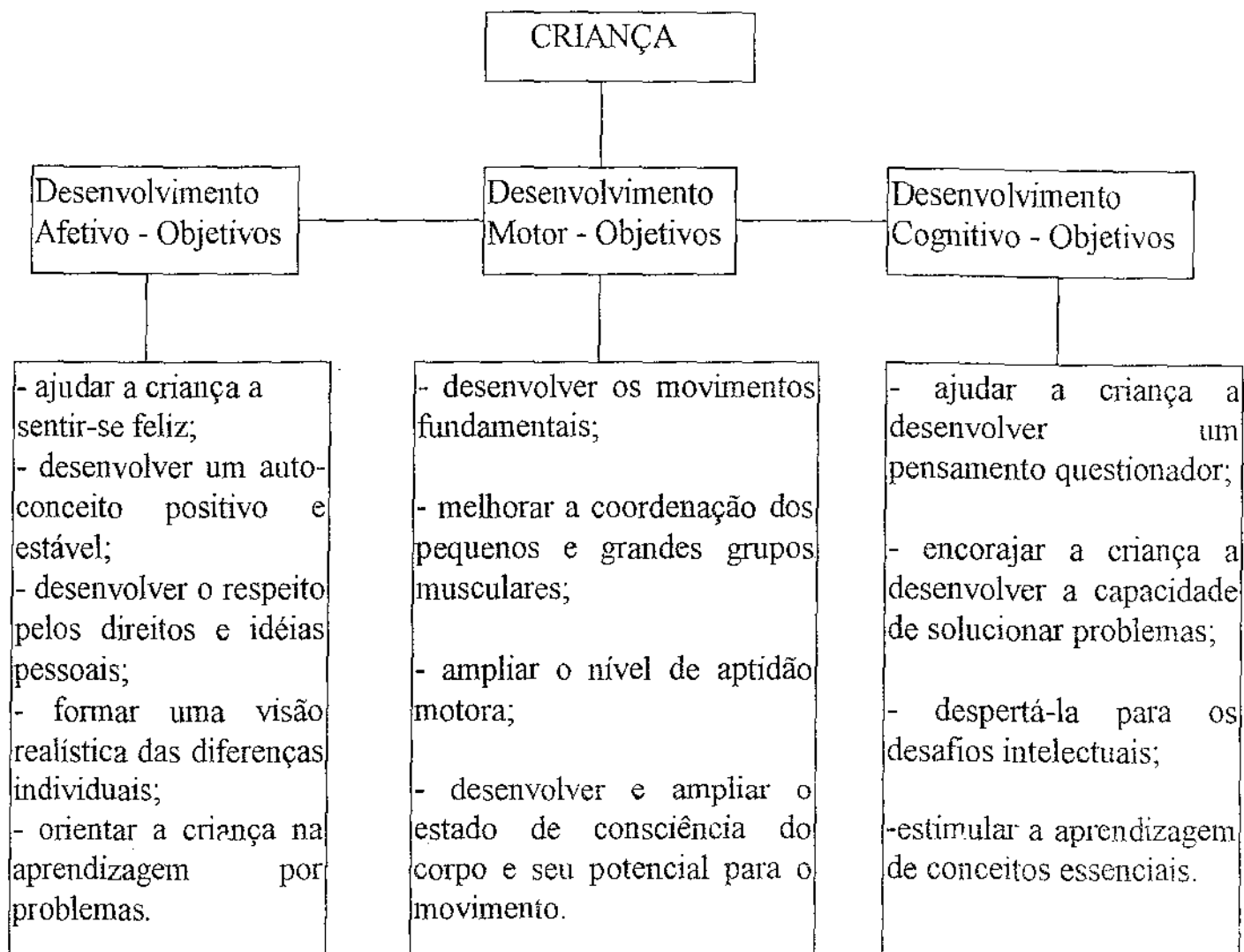
* MAGILL, R. A. Aprendizagem motora: conteúdos e aplicações. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 1984.

(*) TANI, G., MANOEL, E. J., KOKUBUM, E., et al. Educação física escolar: uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: E.P.U., 1988.

(*) PAES, R. R. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

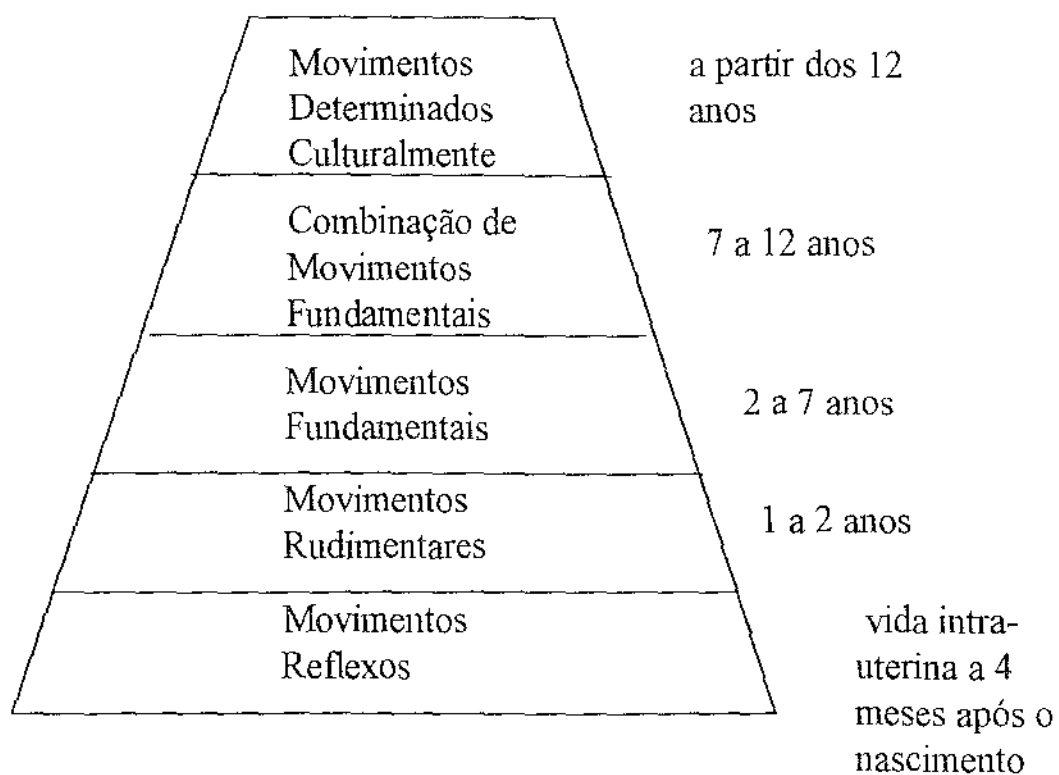
* VIANA JR., W. O. Do lúdico para o lúdico. Universidade Estadual de Campinas (FEF): monografia, 1993.

ANEXOS



A dimensão pela qual uma criança desenvolve-se nestas áreas depende do tipo de programa oferecido e da qualidade dos professores.

Adaptado de Guiselini, M. A.



Seqüência de desenvolvimento motor e faixa etária aproximada para cada fase de desenvolvimento.
(Tani et al., 1988)

FASE	CARACTERÍSTICAS	DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES MOTORAS	MODALIDADES ESPORTIVAS INDICADAS
Escolar (7 a 10 anos)	Fase de rápidos progressos no desenvolvimento da motricidade. Idade das primeiras performances	Os hábitos motores naturais e de base aperfeiçoam-se - ação de grande intensidade é desaconselhável	- natação; - equitação; - judô; - corridas de 1.000 e 2.000 m em bosque
Adolescência Pré-Puberal (10 a 12- 14 anos)	Fase de melhor aprendizagem. Interesse pela atividade desportiva.	Os jovens dominam bem a flexibilidade e o ritmo. Desenvolvimento da força e da velocidade em regime de resistência	A iniciação esportiva especializada é bem recebida. Deve haver avaliação orgânica-funcional.

*Desenvolvimento das Qualidades Motoras nas Idades Escolar e Adolescência Pré-Puberal.
Adaptado de Fiorese, 1989.*